

MANIFESTO ANTROPÓFAGO (1928) E A CRISE DA FILOSOFIA MESSIÂNICA (1950): O ANTROPOFAGISMO ENQUANTO LÓGICA LATINO-AMERICANA E PRÁTICA DECOLONIAL.

GABRIEL ARAUJO SILVA¹

RESUMO

O seguinte artigo analisa a importância e a atualidade tanto da visão poético-antropofágica dos Manifestos Oswaldianos quanto de seu posicionamento filosófico enquanto crítico da sociedade e da história política do Ocidente. A abordagem segue-se à maneira de Oswald de Andrade, buscando problematizar e confrontar pontos de divergência entre os dois eixos dialéticos que compõem o desenvolvimento da América Colonial e seus desdobramentos na medida em que a desigualdade e a intransigência para com a diversidade humana ao produzir vida e as artes são ameaçadas pela consolidação de um sistema econômico controlador e excludente. Em conjunto com seus manifestos, será abordado, o que pode ser definido como o tratado filosófico de Oswald, a tese 'Crise da Filosofia Messiânica, onde o mesmo tenta traçar um panorama ético geral sobre as práticas cristãs no Brasil Colônia e seus desdobramentos na construção da nossa visão social atual.

Palavras-Chave: Antropofagia. Filosofia. Arte. Vida.

A gente escreve o que ouve, nunca o que houve.
Oswald de Andrade.

¹ Graduando em Letras Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Adriana de Fátima Barbosa Araújo. Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2006, Mestre em Teoria Literária (1999) e Licenciada em Letras Inglês e Respectiva Literatura (1994) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora e pesquisadora da área de Literatura Brasileira do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL/IL/UnB), desde 2010.

A METÁFORA ANTROPOFÁGICA

O “Manifesto Antropófago”, texto publicado no ano de 1928 por Oswald de Andrade, o principal filósofo e entusiasta da Semana de Arte Moderna de 1922, foi um Manifesto poético/literário que veio a público por intermédio da Revista de Antropofagia² em meio ao estopim das possibilidades estéticas na época. Dando início a uma tentativa de pensar uma nova forma de encarar a história e a sociedade brasileira enquanto Estado-Nação, o intuito do Manifesto foi o de realizar uma união, tanto social e econômica, quanto filosófica e prática, por meio do resgate do ser brasileiro e do não recalçamento da realidade latino-americana, que desde o momento da colonização encontra-se turvo e longe de sua raiz.

Firmando a vanguarda antropofágica, também a partir do prefácio de Serafim Ponte Grande³, Oswald de Andrade empenha um manifesto que se faz categórico no que tange o diagnóstico da contraditória realidade brasileira. Em meio ao ápice da confrontação do estilo literário nacional com o do estrangeiro, encontra-se Oswald de Andrade, em posição de rebeldia, tendo como base a sua época e seu estilo professado diante das constantes mudanças históricas e modernização da sociedade. Frente a isso, a maneira como sua obra foi recepcionada influenciou

² A Revista de Antropofagia foi uma revista criada na capital paulista pelos poetas Raul Bopp e Alcântara Machado, com o intuito de espalhar e divulgar as ideias apresentadas na Semana de 22, e que teve como colaboradores: Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, e até mesmo, contraditoriamente, pelo conservador Plínio Salgado, entre outros.

³ Narrativa tecida posteriormente, no ano de 1933, por Oswald de Andrade, onde já no prefácio o autor realiza um “discurso geral”, que demonstra muito bem a prática antropofágica, sobre as ideias que serão trazidas no romance em sua totalidade. Lá, Oswald, falando indiretamente de si, se confessa um integrante da burguesia, mas que sente prazer em corroê-la, em devora-la. Diz que há um apagamento das massas como classe social ativa intermediada por aqueles que se pretendiam porta vozes do proletariado e opositores da “devassidão econômica dos políticos e dos ricos”, enquanto os “intelectuais brincam de rodas”. (ANDRADE, 1976, p. 118).

significativamente no sentido que ela viria a representar e ecoar. Segundo Benedito Nunes, pesquisador e grande conhecedor da literatura Oswaldiana:

Numa visão global da vanguarda de 22, pode-se dizer que o grau de receptividade e de resposta a esses estímulos e mensagens esteve condicionado aos diferentes momentos da dialética interna do Modernismo, segundo a ordem de seus problemas, estéticos, sociais e políticos. (NUNES, 1979, p. 9).

A ordem histórica brasileira era ainda de deglutição dos ideais europeus, e talvez Oswald fora o modernista que mergulhou com mais profundidade no espírito das vanguardas europeias.

Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de autoafirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. (CÂNDIDO, 2006, p. 117).

A independência formal brasileira ainda é turva e contraditória, mas o empenho, desde o Romantismo, vem se fundando a partir de uma grande negação, não propriamente dos valores, mas da forma, por meio da construção de uma autoconfiança.

Em seu Manifesto, Oswald de Andrade joga com vários conceitos e leis, como a catequese⁴, e a própria filosofia

⁴ Que por meio da sua crítica, filosófica neste caso, tem base na Grécia Antiga, e são fundamentadas nos ideais platônicos da virtude e da obediência do homem às leis da natureza. Posteriormente, na 'Crise da Filosofia', Oswald trará a ideia de que a catequese portuguesa, grande responsável pelo genocídio indígena nas Américas, tem como raiz genealógica em uma ética europeia, em nome da moral dos Gracos, para Oswald de Andrade.

burguesa, que seriam próprios do que pretende devorar toda a sua antropofagia.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império.

Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar Cheio de bons sentimentos portugueses.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista... A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara,

Ipeju.⁵ (ANDRADE, 1978, p. 16)

Partindo desde o pensamento da vanguarda até à esfera política, às ruas, afirmando ironicamente o ato antropofágico, como a “Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.” (ANDRADE, 1978, p. 13).

Para Oswald, há uma divisão entre dois elementos que compõem a narrativa da humanidade em seu desenvolvimento, o primeiro: a maneira antropofágica de produzir a vida; o segundo: uma maneira messiânica de geração da cultura representados pelos padres, bispos e seus dogmas. A partir dessa separação, dá-se uma tensão histórica entre o que seria a identidade nacional vigente e a sua verdadeira recriação por meio da devoração e digestão dos ideais éticos e morais dos europeus.

“Tupi, or not tupi that is the question” (ANDRADE, 1978, p. 13), Oswald de Andrade, ao lançar mão da famosa paródia do dilema hamletiano, já deglutido e transformado em um fragmento de conteúdo tipicamente brasileiro, faz uma pergunta decisiva acerca da aceitação ou da negação das nossas origens, do povo caraíba. Ser ou não ser brasileiro, possuir e ser possuído por este

⁵ Pequena canção indígena. Couto Magalhães traduziu por: Lua Nova, ó Lua Nova! Assoprai em lembranças de mim; eis-me aqui, estou em vossa presença; fazei com que eu tão somente ocupe seu coração.

instinto ou não, ou simplesmente ir a favor da corrente eurocentrista em voga:

Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraíba. (ANDRADE, 1978, p. 15).

Mais adiante, Oswald de Andrade definirá o ser caraíba como um ser sem Deus, mas que não deixa de ter crenças por conta deste “ateísmo”: “É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à idéia de Deus. Mas a caraíba não precisava. Porque Tinha Guaraci.” (ANDRADE, 1978, p. 17), ou seja, o homem caraíba, ou melhor, o ser caraíba, consiste especificamente nos nossos povos ancestrais e primeiros, nos indígenas das sociedades antigas, nas mais diversas etnias e culturas que se pode imaginar. O caraíba é o antropófago por excelência, e é exatamente a partir do pensamento sobre essa prática que Oswald de Andrade extrairá a metáfora acerca da antropofagia enquanto filosofia política e estética de vanguarda.

A antropofagia, praticada pelo povo Tupi, não se trata de um mero ato de canibalismo sobre outro corpo, mas sim um ritual mágico e valioso para cultura dos povos ancestrais. Serve como uma poderosa figura de compreensão e representação acerca de como a sociedade trata o corpo que compõe o tecido social, elemento este capturado por Oswald de Andrade, pois, para o mesmo, a antropofagia exprimia “um modo de pensar”, pois a vida em sua inteireza seria pura devoração.

Porém, só as mais puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal⁶, que traz em si o mais alto sentido da vida evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. (ANDRADE, 1978, p. 18-19).

Pensando assim, a partir da relação etimológica entre *Saber* e *Sabor*. A palavra *saber* vem do latim '*sapere*', que significa *ter gosto, perceber pelo sentido*. É bastante, também, a relação que se dá entre o saber e a percepção estética. Já a palavra *sabor* vem de '*sapere*', significa *gosto, sabor característico*. "Morte e vida das hipóteses. Da equação eu parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia" (ANDRADE, 1978, p 15). Sendo assim, o saber, tanto de si quanto do outro, consiste em um contato duplo, onde ambos são devoradores e devorados ao mesmo tempo, como em diálogos, onde há o reconhecimento de ambas as alteridades. No messianismo, não há devoração, somente dominação. Neste movimento, de dominação de um ser sobre outro, instaura-se a distinção por meio de uma hierarquia, delimitada pelo poder, que cria uma distância e impossibilita o diálogo, e conseqüentemente o saber sobre o sabor do outro.

Entre alguns povos brasileiros, entre eles, sociedades antigas como o povo Tupi e o Potiguar, o ritual antropofágico possuía características singulares, como o ato de conceder ao guerreiro capturado honrarias e privilégios que lhe aprouvesse. Era-lhe colocado à disposição alimentos da melhor qualidade, e o "prisioneiro" podia desfrutar da companhia de outros, caso

⁶ Nesse momento Oswald de Andrade ironiza sobre o significado que carrega o termo 'elite pura', invertendo o seu valor, afirmando que os indígenas, os verdadeiros praticantes da antropofagia representam o ápice do desenvolvimento da cultura.

optasse. O grande significado por trás deste ritual é que somente indivíduos honrados podiam ser submetidos à solene cerimônia antropofágica, apenas o guerreiro que possuísse altivez e coragem e que a mantivesse até o momento final de sua vida poderia ser devorado, pois o intuito inicial é o de absorver sua força, suas qualidades. Sendo assim, nota-se um grande respeito pelo corpo vivo, e ainda assim na sua morte este respeito nunca cessa. Mas mesmo assim, é inegável a carga vingativa que muitas vezes a antropofagia comporta. Ao tirar significado atual para a antropofagia ritual dos indígenas brasileiros, Oswald de Andrade não deixa de assinalar o ressentimento para com os colonizadores:

Contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cairu: - É mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti.

Se Deus é a consciência do Universo Incrindo, Guaraci⁷ é a mãe dos viventes. Jaci⁸ é a mãe dos vegetais. (ANDRADE, 1978, p. 17).

Os europeus, especificamente os Jesuítas, ficaram horrorizados com as práticas antropófagas indígenas, pois a mesma feria, seria e profundamente, seus valores.

Quanto ao modo como sua metáfora antropofágica foi encarada pelo sistema literário, por intermédio de conversas e interpretações de Benedito Nunes e do próprio Antônio Cândido, Oswald de Andrade dizia ter sido muito mal compreendido, e que, a origem social e o fundo político de seus anseios via de regra era ignorada por aqueles que se punham diante de suas obras, interpretando-as. Oswald acreditou que, tanto a moral burguesa,

⁷ Guaraci (do tupi *kûarasy*, "sol") na mitologia tupi-guarani representa o Sol, muitas vezes compreendida como a divindade responsável por conceder a vida e por criar todos os seres.

⁸ Jaci (do tupi *Ya-cy*) na mitologia tupi-guarani representa a Lua, aquela que protege a vegetação.

cristã e patriarcal, quanto a sua “política” e a sua filosofia imperial seriam eclipsados após o término da Segunda Guerra Mundial. “As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.” (ANDRADE, 1978, p. 17).

Mesmo diante de uma ascensão global do fascismo, Oswald de Andrade nunca deixou de enxergar na literatura um meio de falar da sociedade de maneira a modifica-la, desvelando com objetividade e clareza “pouco filosóficas” as contradições da história e do próprio fascismo que compõe a colonização do seu povo, capitaneado pelos padres e bispos, representantes do dogma cristão.

A operação não metafísica, mas sim essencial, significativa, que se dá em torno da antropofagia, é a da transformação do Tabu em Totem. Nas próprias palavras de Oswald, o que seria o Tabu se não o próprio intocável? No âmbito da arte e da cultura da devoração, o intocável é a falsa forma ancestral que a cultura latino-americana tem de si, sua raiz, mas nunca uma raiz fincada na sua própria história popular, que esta eclipsada, desde a chegada dos soldados dos mandamentos bíblicos.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modusviviendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transforma-lo em totem, A humana aventura. A terrena finalidade. (ANDRADE, 1978, p. 18).

Nesse sentido, a tensão dialética se dá justamente entre a figura do suposto criador (português “descobridor”) e da Criatura (povo caraíba), tupi guarani. Ilustradamente na própria literatura de Oswald de Andrade, a negação do caráter de criação se dá no prefixo *in* da palavra *Incriado*, transmitindo a ideia de que esse criador nunca foi criador em sua raiz, pois, trata-se de uma criação unilateral, e no movimento dialético das relações

humanas, a criatura não é somente criatura por durante todo o contato, passando a ser criadora no decorrer do processo histórico-temporal.

É possível compreender essa contradição a partir da história da literatura brasileira, que se perfaz como um reflexo de um processo bastante complexo em relação à formação da nossa sociedade. A nossa literatura, enquanto memória e expressão do Brasil Caraíba, permanece desvalorizada. A “literatura brasileira” enquanto Tabu, enquanto memória canônica do todo nacional, apresentava-se ainda como forma e expressão de um *modusvivendi*, nas palavras diretas e incisivas de Oswald, capitalista e mercantil. A partir Semana de 22, a “criatura” da coroa portuguesa parece cada vez mais malcriada. Contrariamente ao Romantismo de 1850, nossos autores passam a usar a forma estrangeira transplantada como instrumento de insurgência contra ela mesma, por meio de uma reinvenção da forma até então aprendida, da forma eurocêntrica, só que agora, transvalorada, o tabu já não responde mais como tabu, passando a ser totem.

É verdade que, nem toda representação, seja ela literária ou não, possuirá, por meios intencionais, um caráter de representação histórica, embora a falta de dimensão histórica seja ela mesma um dado, uma constatação histórica. No próprio movimento modernista, tomando sempre como exemplo representativo a Semana de 22, houve escritores, como Plínio Salgado, que encaravam a história como algo a ser conservado, ainda que sua realidade enquanto sucessão de acontecimentos fosse de extrema desigualdade; o Brasil de 22 era um Brasil pouco brasileiro. Nas palavras de Hermenegildo Bastos

A prática literária é também uma forma de representação política. Antes mesmo de colocar a questão da mimesis literária – isto é, da obra como representação da História -, se coloca a questão do escritor como representante da sociedade ou grupo social. No caso da ficção, a condição de personagem

cujo destino é mais ou menos negociado com o escritor-narrador é manifestação disso. (BASTOS, 2006. p. 3).

Nota-se como um mesmo impulso estético/político, a exemplo do que foi realizado na Semana de 22, é capaz de dar voz e poder a discursos de naturezas diversas. Na literatura Oswaldiana, a voz do narrador não se confunde com a do personagem, pois o narrador muitas vezes é o próprio personagem. Em seus manifestos, o eu lírico, ou o sujeito por trás do discurso, pensando a obra a partir do autor, apresenta sua perspectiva de mundo própria, isto é, não tenta representar uma voz ausente, substituindo-a. Oswald, ao “gritar” sua antropofagia, não pretende tomar o lugar do indígena ou se apresentar como tal, seu ponto de enunciação é de alguém que esteve inserido no núcleo das forças antagônicas, e que por isso conhece de perto os horrores e as contradições da classe da qual é fruto, seja ele daninho ou não.

No Manifesto, Oswald afirma contundentemente ser:

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema, - o patriarca de João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE

Em Piratininga.

Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

(ANDRADE, 1978, p. 19).

Pouco antes, no manifesto, o autor diz que a verdade trazida junto às caravelas é uma verdade inquisitória, fazendo clara referência

ao genocídio indígena orquestrado pela coroa portuguesa. Nos versos seguintes, Oswald de Andrade conceitua de maneira interessantíssima uma ideia que é turva, contraditoriamente, àqueles que compõem o seu significado, o seu tecido, que é a palavra *política*. Diz que é “a ciência da distribuição” (ANDRADE, 1928, v. 65.), e diz também que nós a tínhamos, nas terras das caraíbas, a América Latina, essa política, em seu verdadeiro significado e apresentação. Nos tempos anteriores ao messianismo “catequético”, na sociedade antropofágica, havia distribuição, logo, igualdade entre os seres constituintes. Pois “antes dos portugueses terem descoberto o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”. (ANDRADE, 1978, p. 18).

A CRISE DA FILOSOFIA MESSIÂNICA

Oswald de Andrade foi um escritor que perpassou por diversas teorias do conhecimento, expressas nas mais diversas formas, seja em romance, poesia, em escrita jornalística ou até mesmo em forma de tratado filosófico, possuindo uma fase inicial de catolicismo, passando posteriormente, em consequência do seu amadurecimento intelectual, por uma fase marxista e antirreligiosa, impulsionada pela visão antropofágica, consolidada n’A Crise da Filosofia Messiânica⁹. É lá que Oswald de Andrade traça uma genealogia do desenvolvimento da humanidade e a maneira como a mesma desagua no território ameríndio, por meio da dialetização do conceito construído acerca do Matriarcado, e da sua negação, sua antítese, a civilização patriarcal, que teria como base fundamental, além da centralidade do poder nas esferas públicas, a ideia da propriedade privada.

A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto,

⁹ Tese escrita em 1950 para o Concurso da Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. [...] Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta.

E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem primitivo. Este o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este uma cultura messiânica. (ANDRADE, 1978, p. 77).

Na sua “Crise”, Oswald de Andrade traz a ideia de que antes da chegada das caravelas, a nossa tradição, originariamente indígena, era Matriarcal por possuir e seguir seus princípios, que seriam a propriedade comum do solo e o Estado sem classes, no caso do Brasil primordial, a inexistência do Estado. Essa sociedade ancestral, essencialmente antropófaga, por ser anterior à colonização, incorporava um modo muito próprio de fazer filosofia¹⁰. Não há como não dizer que as sociedades dos nossos povos indígenas não eram dotadas de filosofia, pois são inúmeros os mitos que retratam as origens da natureza e de seus seres. A diferença é que nunca foi uma filosofia centralizadora e de dominação tal qual a filosofia messiânica construída sobre bases patriarcalistas e europeias, e ao pensar a modernidade em caminho à contemporaneidade, que possui bases também na região Norte-Americana.

No sistema messiânico, de origem platônica, acredita-se na vigência de uma figura regente central, da natureza e do seu desenvolvimento.

¹⁰ De nenhuma forma, se levado profundamente a própria ideia que o conceito da Filosofia comporta, é possível existir qualquer sociedade que não comporte a mesma, pois todo ser vivo é dotado de Filosofia.

Não passa de um embuste a axiologia que reconduz o mundo a Deus, supremo Valor. Toda a hierarquização que se tenta através da Filosofia dos Valores, constitui posição tomada e obedece ao surrado esquema das Idéias platônicas que têm como vértice o Bem. Surge de novo a escamoteação do problema do Mal que o dualismo masdaíta da Pérsia tinha levado ao seio das heresias gnósticas. Se a Grécia tivesse sido derrotada em Salamina, talvez fosse diverso o destino ideológico do mundo. (ANDRADE, 1978, p. 122).

Seu mito de origem aponta para a existência de um ser responsável por ditar os rumos da civilização, agindo como o núcleo de toda a ideia messiânica. Sob a ótica Oswaldiana, toda construção cultural oriunda dos sistemas europeus de pensamento teriam como fundamento o princípio da supremacia divina (no caso de Cabral e seus aliados, representada pelo Cristo) e da sua centralidade, como símbolo da moral ideal e da justiça em favor do homem vestido. Tudo o que vem a ser natureza ou cultura, caso literalmente não pertença aos ideais bíblicos, deve ser dominado ou sobreposto, sejam eles o solo ou as ideias. É deste pilar que se desenvolve cautelosamente o caráter de detenção dos territórios e da sua privação enquanto elemento comum do povo. Para Oswald de Andrade, a propriedade privada, enquanto regra de convivência de quase toda a sociedade moderna baseada na imagem de um dono, único e dominante, é oriunda de um cristianismo europeu que tem como princípio de vida a figura de um deus único e senhor de todas as coisas.

Oswald pontua duas filosofias que exercem um papel de criadoras, ou compositoras de toda a história do Ocidente e as aponta como patriarcais e escravistas, sendo elas, a tradição bíblica e a helênica (ANDRADE, 1978, p. 91). A questão da servidão ocupa um lugar central na visão filosófica de Oswald de Andrade, ao tentar apontar o que seria uma possível história da filosofia ocidental, sem conseguir esconder certo ódio de classe e

sem conseguir abster-se diante da verdade da classe dominante, assinala, sobre os métodos utilizados pela mesma no processo de tomada de poder tendo como base a então realidade da URSS, de seu apogeu à sua queda:

É na alienação no dinheiro, na filosofia do dinheiro, prossegue dentro da atualidade, russa, o surto enunciado pela economia do renascentismo. O Estado assume a idolatria do dinheiro. E para ligar com férreas ataduras policiais a massa sufocada, dentro da fórmula áspera de Paulo¹¹, “quem não trabalha não come”, utiliza a lógica de Aristóteles e a metódica de Sorel, dentro da cortina de ferro de seus limites geográficos e políticos. (ANDRADE, 1978, p. 118).

Linhas antes, Oswald chamará a atenção pela maneira como a própria esquerda soviética aos poucos chafurda-se na economia da propriedade e do Estado armado engajando-se na filosofia do Haver (Patriarcado) escapando às injunções históricas da economia do Ser (Matriarcado). Por isso, a ‘Crise da Filosofia’ funciona como um texto explicativo para com o Manifesto Antropófago, pois toda a filosofia messiânica se trataria de uma antítese para com todo o imaginário antropofágico; a diferença é que agora Oswald pretende tocar mais no berço da cultura europeia e não propriamente na raiz de nossa cultura, pois todo o eixo filosófico institucional segue o crivo da visão eurocêntrica e em decorrência do movimento histórico de uma colidir no processo de desenvolvimento da outra. Consequentemente, Oswald atribuirá à retórica messiânica esse “espírito de servidão” oriundo dos ensinamentos Socráticos:

Neles o patriarcado constrói sua sofística triunfal. Neles, se insere o segundo termo da nossa equação chave, a antítese, o espírito de negatividade do próprio

¹¹ Apóstolo Paulo, um dos responsáveis pela escrita do Antigo Testamento, texto presente na Bíblia.

homem. [...] A Grécia dionisíaca, que produziu, na medida clássica do século V, a sua ordenação plástica e lírica, decaiu nas dissensões entre os aristocratas e o povo. A Grécia, fora o mar e, portanto, o comércio, daí ter surgido nela a indústria e o proletariado urbano. E conseqüentemente as primeiras experiências da questão social. (ANDRADE, 1978, p. 94).

O problema não é Sócrates ou a filosofia platônica, propriamente, mas sim “o messianismo que brota de suas convicções imortalistas, e que depois a figura do Cristianismo centralizaria”. (ANDRADE, 1978, p. 95). O autor ainda reitera acerca de um excesso de ordens impositivas escravagistas no período do Mundo Clássico, e que, conseqüentemente, seriam resultados deste messianismo oriundo da Grécia de fundo Românico.

A Filosofia Messiânica, enquanto antítese da Filosofia Antropofágica funciona como figura de representação não mimética de outra categoria dialética, provinda do embate entre Indígena e Colonizador. Este é o momento exato em que a “Filosofia Natural” a que possui o Homem das Caravelas se opõe de maneira conflituosa à sociedade na qual se encontra diante. No Brasil Caraíba, seja na literatura, na filosofia, ou nos espaços sociais menos específicos, a dinâmica, enquanto sociedade, foi de completa dominação, em uma espécie de reflexo mal feito da história clássica da humanidade relatada nos livros europeus de história. Oswald de Andrade caracteriza a experiência cristã na América Latina como desastrosa, sob uma perspectiva minimamente humana. A essência messiânica consiste não somente, na dominação entre povos, mas também na sua manutenção enquanto povo dominado,

É um dos sábios modernos, Alfred Whitehead, quem assinala a importância do conceito de um mundo lógico, ordenado por um ente supremo para o progresso da Física. Que era afinal a Mecânica senão o aproveitamento lógico das forças da natureza? Primitiva,

caótica e desordenada, numa civilização sem relógio, a técnica só podia ser eficiente, apoiada no braço escravo. O escravo só podia existir na condição de miserável a que estava reduzido, com a esperança messiânica da outra vida. Daí o êxito do Cristianismo do desenvolvimento proletário de Roma. Alimenta-se ele da depressão espiritual do trabalhador. (ANDRADE, 1978, p. 97).

Oswald é categórico ao salientar a questão da técnica do homem sobre a natureza no processo de desenvolvimento do mundo durante o que é chamado de era das Grandes Navegações. Decerto não a trata como algo maligno, como pretende toda força reacionária, inclusive afirma em uma das conclusões de sua tese “que só a restauração tecnizada duma cultura antropogágica, resolveria os problemas atuais do homem e da Filosofia” (ANDRADE, 1978, p.129), mas reconhece seu caráter de instrumento enquanto monopólio de uma determinada classe, para fins de usurpação. A filosofia monoteísta, fruto das ideias absolutistas, é também um tipo de técnica usada com fins de sobreposição, de dominação sobre o outro, tal qual as ciências e as artes, ainda que produzidas propriamente pela classe trabalhadora usurpada. “E tinha como finalidade, a obediência do homem-escravo ao senhor da terra que era o espelho do Senhor do Céu.” (ANDRADE, 1950, p. 98). A técnica ocupa um lugar central do desenvolvimento da sociedade, tanto na era pré-histórica quanto no estágio da sociedade de classes. “Mas, sem dúvida, é na América que está criado o clima do mundo lúdico e o clima do mundo técnico aberto para o futuro” (ANDRADE, 1978, p. 127). Oswald de Andrade assinala por meio da visão distorcida de Schopenhauer que

[...] só na união de todas as vontades numa só pode existir ética. É verdade. Fora disso, há éticas de classe, desde Aristóteles. No mundo sem classes que se procura atingir, a ética e a equidade substituirão as deformações interessadas do Direito Positivo [...].

O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos – o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança a música, o teatro o circo e, enfim, o cinema.

Ainda uma vez hoje se procura justificar politicamente as artes, oprimi-las, fazê-las servirem uma causa de uma razão de Estado. É inútil.

A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgirá sempre porque sua ultima motivação reside nos arcanos da alma lúdica. (ANDRADE, 1978, p. 126-127).

Neste momento é necessário que se faça uma pergunta decisiva: nas relações reais de produção, a filosofia serve o povo ou o povo serve a filosofia? Este questionamento se encaixa também no que tange as artes e as ciências, sejam elas da saúde do corpo ou da educação da mente. Não é estranho que, por meio do controle dos meios de produção, o homem utilize a ferramenta do povo contra ele mesmo, porém, Oswald de Andrade enfatiza que a verdadeira arte e a técnica livre faz morada nos corações lúdicos que estão para além dos ideais autoritários que, segundo o mesmo, se fez presente na sociedade de maneira mais intensa a partir dos anos 20.

Para pensar de maneira prática, por exemplo, o uso da filosofia lógica e técnica para fins de dominação, basta ter como ponto de focalização a questão agrária no Brasil. Atualmente, não são permitidos por lei o uso de terras para plantio que não estejam em tutela do governo federal ou estadual, mesmo que sejam grupos camponeses particulares e específicos, ou seja, não é permitido um outro jeito de produzir que seja diferente da lógica capitalista vigente, pois a mesma tem como prioridade o lucro independente dos meios, deixando de lado o bem-estar e enquanto brasileiros, conseqüentemente, deixando de lado a nossa essência, nossa prova dos nove, segundo o Manifesto Antropófago, que é a alegria (ANDRADE, 1978, p. 18). Ainda que os camponeses não queiram, e acima de tudo não precisem estar

inseridos nessa forma econômica do consumo forçada pela ideologia dominante, estes não possuem escolha entre resistir ou se deixar levar, pois sua racionalidade não é tratada como possível entre as formas de pensar. O ser caraíba, seja o indígena ou o camponês, escolheu não deixar que alguém decida ou controle o seu futuro, e paga até os tempos atuais o preço por simplesmente existir tal qual o seu próprio ser.

No âmbito mais profundo de toda lei ou lógica, seja ela excludente ou não, encontram-se em seus ideais basilares uma fundamentação política de cunho filosófico, e Oswald foi incisivo ao enfatizar a sua importância na formação econômica e social do Brasil enquanto instrumento de uma burguesia incapaz de admitir a diversidade de modos de gerar e produzir a vida, e o papel do Direito enquanto instrumento de dominação. No manifesto, o personagem Oswald de Andrade narra um episódio em que esteve a conversar com um homem em certa ocasião:

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

Só não há determinismo onde há mistério. Mas que temos nós com isso? (ANDRADE, 1978. p. 16).

O personagem Galli Mathias, em questão, claramente representa a palavra *galimatias*, que quer dizer 'discurso verborrágico, hermético', o discurso que não se faz compreensível, em clara referência aos discursos verborrágicos presentes no direito e na filosofia.

É comum e habitual a História citar os gregos de maneira maravilhosa, enfatizando a sua genialidade, no campo da filosofia política, sem considerar o contexto e as condições reais em que esta sociedade se encontrava, materialmente. O contexto de

surgimento da então Filosofia¹² conhecida tal qual ela é hoje também é de colonização, pois foram diversos os povos¹³ que buscaram dominar seu povo original. A própria *polis* (local onde acontecia a Filosofia), como compreendida em sua acepção democrática de espaço político, foi construída sobre o solo da guerra e da escravização, e não é contraditório que somente uma camada específica da sociedade tenha sido autorizada de frequentá-la ativamente.

Para contextualizar e relacionar o processo evolutivo da filosofia com a realidade sócio-histórica do Brasil, Oswald de Andrade, ainda na 'Crise da Filosofia', fala sobre a questão do filósofo Santo Agostinho e seus discursos, em clara referência e alusão aos padres presentes na colonização do território de Pindorama, acusando-o de "revestir a ideia grega do motor imóvel (símbolo solar do Patriarcado) com os mitos do Cristianismo", anteriormente, aponta:

Em Agostinho, o Sacerdócio retomara o seu papel de sentinela ativa do arbitrário. Só Deus escolhe, só Deus eleger, só Deus salva. Ao lado disso, ele informa (por isso é Doutor), que só a Autoridade da Igreja faz crer em certos absurdos bíblicos. De modo que em Agostinho se funda a doutrina da autoridade e do arbítrio que ia produzir, da Idade Média à Reforma, o esplendor do Sacerdócio Ocidental. Estava debelada, assim, a crise do século V. A passagem do mundo romano para a Idade Média através da conversão, marca depois em Guilherme de Occan, uma nova ênfase do arbítrio. Deus pode fazer o que quiser. Para ele não há compreensão nem crítica. É a entrega pura e simples do escravo. (ANDRADE, 1978, p. 102).

¹² Cabe salientar aqui que toda a crítica em torno da Filosofia se trata da mesma enquanto instituição e ferramenta de fundamentação das leis e normas que conservem a ordem vigente dos acontecimentos e não à verdadeira filosofia que se trata da arte de pensar a si e o próprio vir-a-ser de todos no mundo.

¹³ A exemplo dos micênios, jônios, aqueus, entre vários outros.

O que foi a colonização dos povos, não só da América, mas também da África, se não uma distorção da ideia de arbítrio e da liberdade de se cometer quaisquer atos por meio de discursos e práticas inquisitórias, contanto que os mesmos possuam fundamentação na autoridade divina, seja ela mesma uma invenção arbitrária.

A crise, acerca da filosofia messiânica, consiste na mesma possuir um caráter de autoimunidade, tal qual o sistema capitalista, onde, independente do triunfo de um povo e de um sistema sobre outro, nada escapará da ameaça cobiçosa sobre o ser e sua casa. Esta autoimunidade está presente na inconsistência das práticas messiânicas não somente no âmbito humano e social, mas também natural, pois a ideologia do lucro sobre o homem tem como fundamento motor o esgotamento das florestas e dos rios e da sua “domesticação”. Melhor exposto nas palavras do xamã yanomami Davi Kopenawa, nada escapará à queda literal do céu enquanto o discurso destrutivo do homem ganancioso perdurar:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 6).

A ANTROPOFAGIA E O LUGAR DO MESSIANISMO HOJE

A arte ao representar a realidade, mesmo que de maneira dissociada e não intencional, funciona quase sempre como uma proposição e leque de alternativas acerca da mesma. O movimento modernista, iniciado na semana de 22 foi a condensação de diversas alternativas em um período de tempo conjunto. O que mudou, de acordo com o passar do tempo foi tão somente o seu poder enquanto instrumento de insurgência contra a classe dirigente e sua vontade de modificar esta realidade materialmente. Nas décadas de 20 e 30 do século passado, a exemplo, muitas foram as obras escritas que abordavam questões já em urgência, como os diversos escritos sobre o sertão de João Cabral de Melo Neto e a representação da realidade retirante com Graciliano Ramos, porém, ambos autores consumidos pela mesma elite intelectual da época, apesar de, ironicamente, critica-la diretamente em seus textos. O que há em comum com a literatura de ambos, em conjunto da obra de Oswald de Andrade, é que todos estes foram compreendidos fora de seu tempo, na posteridade, talvez pela demora da facilitação ao seu acesso. É preciso reafirmar sempre que em espaços sem democracia, relega-se toda a produção artística a uma posição de difícil alcance, sejam por leis que dificultem o acontecimento aberto da cultura, seja pela mercantilização, transformando a arte em um produto quase sempre muito caro.

Há muito tempo a ideia antropófaga encontra-se em lugares subcutâneos da sociedade não somente pelos hiatos democráticos à que o contexto brasileiro em que a mesma esteve presente sofreu, mas também por conta do golpe e da solidificação do messianismo enquanto ideologia que se pretende a-ideológica apartidária, apesar de representar e atuar como bandeira e, inegavelmente, como corrente estética. Pode-se afirmar, seja a partir de um pensamento sociológico ou literário, que vivemos sobre o solo político do messianismo, seja pela centralidade das

forças governamentais, seja pela espera de uma figura salvadora que irá nos libertar contraditoriamente das amarras da injustiça, e um ambiente messiânico, é um ambiente hostil à literatura e ao outro, e toda e qualquer face de alteridade que a mesma comporta vem de nossas matrizes matriarcais.

A arte ou o trabalho de um povo, enquanto expressão e libertação de seu corpo, seja ela logicamente estruturada ou livremente dramatizada, terá o seu nível de alcance variado de acordo com as condições a que seu meio de circulação e aplicação se encontram. No Brasil, a dinâmica enquanto grupo social, desde o momento da passagem problemática do Império para a República, vem sendo cada vez mais maniqueísta, quebrada, em uma desunião social evolutiva desde o momento da chegada dos navios portugueses. Sendo assim, a união proposta pelo Manifesto Antropófago vem se consolidando aos poucos como já foi definida antes, como utopia.

Ainda sobre a arte e seu alcance, conforme suas limitações temporais a partir dos componentes da Semana de 22, Silviano Santiago assinala:

A leitura que se tem feito da participação dos intelectuais modernistas no projeto de nação da República Nova foi, por muitos anos, negligenciada por razões óbvias. De alguns anos para cá, alguns textos atuais procuram dramatizar a complexa situação dos modernistas e seus companheiros de estrada. Nisso, aproximam-se de uma moda recentíssima que é a da literatura dos ex-exilados, ou seja, dos que retornaram ao Brasil depois da anistia e que constituíram o grosso de sua produção em cima da narrativa dos acontecimentos políticos posteriores a 68. (SANTIAGO, 1989, p. 166).

Oswald de Andrade, sendo ele um modernista, jamais escapará das limitações do seu tempo, mas que o mesmo se trata de um autor singularíssimo e diferente, disso não há dúvidas. Diante de uma História do Brasil complexa e contraditória, em conjunto com

a de sua literatura e de sua (possível) filosofia, Oswald jamais deixou de reconhecer o papel da arte como meio de desvelar os mecanismos repressivos e excludentes de uma sociedade e de construir um lugar mais igualitário sem jamais deixar de reconhecer que toda estrutura, por mais antiga e cristalizada que seja, está sujeita à desconstrução. Em quase todo o momento de seu desenvolvimento, a arte se encontrou no limbo, num lugar inalcançável para quem precisa devora-la, sendo este o povo. Não é diferente para com a literatura de Oswald de Andrade, passando a ser reconhecida somente após a sua morte.

No século 20, onde o país parecia estar entrando nos eixos da democracia, assim como na década de 30 e 60¹⁴ especificamente, irrompem golpes de natureza autoritária, novamente afastando a literatura e conseqüentemente toda a filosofia dos seus destinatários. Dos textos de Antônio Cândido é possível inferir que além de a literatura ser um direito do povo, um povo sem literatura é um povo sem direitos. (CÂNDIDO, 2004)

Da antropofagia Oswaldiana como teoria e problematização da sociedade, espera-se aqui que a mesma seja compreendida como uma alternativa sincera e verdadeira de pensar os tempos atuais, tempos divididos em que não mais se alimenta da diversidade e da multiplicidade de ideias e práticas do outro. Não se trata aqui de apresentar a visão de mundo crítica e filosófica de Oswald de Andrade como a única “boa” ou possível, pois não existe literatura maior ou menor, pensar assim seria cair na própria ideia messianismo. Melhor ilustrado nas palavras de Silviano Santiago sobre a obra e sua interpretação, o seu eco:

Não se trata, é claro, de substituir o imperialismo da “literariedade” (*literaturnost*) pelo canhestro retorno do

¹⁴ Década em que ocorreu o golpe de 1964 em que foi implantado no Brasil a Ditadura Militar e Civil que perdurou até 1985. Referenciado na primeira citação de Silviano Santiago, o ano de 68 ficou marcado como o ano do recrudescimento da então ditadura no Brasil, conhecido a partir de então como “Anos de Chumbo”, título este que, de antemão, dispensa quaisquer comentários.

positivismo originário da crítica vida-e-obra. Não se trata de desprestigiar as conquistas da leitura estética do texto, nem de instaurar um critério de avaliação com o fim de desmoralizar obras cuja reputação é atestada pela legítima qualidade intrínseca. Trata-se de buscar textos onde o corpo do próprio autor foi dramatizado enquanto tal por ele mesmo, enriquecendo com essa leitura extra as leituras que foram feitas dos seus textos ditos ficcionais ou poéticos. Trata-se ainda, de configurar as proximidades e contradições ideológicas que se tornam salientes quando o texto da ficção e o texto da memória são analisados contrastivamente. (SANTIAGO, 1989, p. 166).

A retórica atual do Brasil institucional, enquanto Estado-Nação, é de continuação do desconhecimento e do processo de exclusão dos povos indígenas e das minorias. Cada dia mais se lê sobre a não demarcação das terras e das áreas de proteção, em um acordo mundial. Por isso a urgência desses textos, de teorias que fomentem pensamentos e discussões acerca do assunto. Apesar de se intensificarem nos anos 60, durante a semana de 22, discussões sobre a conservação da natureza ganharam notória força, e se Oswald de Andrade, em 1945, muitos anos depois da publicação de seu manifesto resolve retornar à Antropofagia, é porque algo de urgente, fecundo e verdadeiro a mesma possui. Porém, é mais do que verdadeiro que toda luta, de toda maneira, realizou uma distribuição mais igual dos bens e dos lucros. Sendo assim, todo o tipo de luta é mais do que necessária, seja pelo texto, enquanto instrumento teórico, seja pela materialização de suas ideias.

Apesar dos tempos sombrios no Brasil atual, houve mudança nos tempos, pois esta é uma característica da história, e o que era o Messianismo de outrora, hoje consiste na crise burguesa enquanto sistema político-econômico. Um dia supôs-se que,

dialeticamente, depois da tese – burguesia – e da antítese – proletariado – viesse a síntese, que seria a

ligação prática entre o comunismo e as classes progressistas da burguesia” (ANDRADE, 1978, p. 118).

Todavia, não se sabe até que ponto a mesma é possível, pois desde os primórdios a antítese tentou estabelecer diálogo com a tese, que jamais optou pelo diálogo e pela conciliação. Entretanto, o curso da história humana é primariamente inconcluso e essencialmente imprevisível. Trata-se de agir na e sobre as estruturas do patriarcado, “numa sociedade, onde a figura do pai se tenha substituído pela da sociedade, tudo tende a mudar” (ANDRADE, 1978, p. 125). A figura do pai neste caso representa de maneira quase idêntica a imagem do colonizador, seja ele individualmente ou coletivamente, enquanto indivíduo ou grupo social. A síntese dialética que se busca agora já não se trata somente das classes. “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem.” (ANDRADE, 1978, p. 14). A Revolução Síntese, a unificação por meio da devoração de todas as lutas que possuem como fim a emancipação do ser. A revolta do pau-brasil.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Ori Villegaignon print terre*. Montaine. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução suerralista, e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. (ANDRADE, 1978, p. 14-15).

O não nascimento da lógica consiste justamente na já existência de uma, uma lógica nossa que nos representa tal qual, o caraíba, o brasileiro, que não se nasce, propriamente, mas que se torna, aos poucos, em processo de simbiose, em sincretismo com o outro.

União. Conjunção. Antropofagia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: manifestos, teses de concursos e ensaios, 1978. p. 11-20.

ANDRADE, Oswald de. **A Crise da Filosofia Messiânica**. In: ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: manifestos, teses de concursos e ensaios, 1978, p. 75-138.

ANDRADE, Oswald de. **Serafim ponte grande**. São Paulo, SP: Círculo do Livro, c1933.

BASTOS, Hermenegildo. Formação e Representação. **Cerrados**: revista do programa de pós-graduação em literatura. v. 15, n. 21, 2006, p.91-112.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

BOSI, Alfredo. Moderno e Modernista na Literatura Brasileira. In: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 209-225.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 117-146.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CENTRO DE ESTUDOS MARXISTAS. **As portas de Tebas: ensaios de interpretação marxista**. Passo Fundo: UPF Editora, 2002, p. 149-176.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAESTRI, Mário. A formação do campesinato no Brasil. In: MAESTRI, Mário. **Marxismo e ciências humanas**. São Paulo: CEMARX/Xamã, 2003, p. 130-158.

NUNES, Benedito. **Oswald Canibal**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1979.

SANTIAGO, Silviano. **O intelectual modernista revisitado**. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 165-175.